

Catalisadores Comunitários para o Desenvolvimento Regenerativo

um relatório da Pesquisa-Ação Participativa de quatro áreas
rurais distintas na Europa periférica

31 Julho 2019



Índice

Lista de Imagens	3
Lista de Tabelas	3
1. Prefácio e Agradecimentos	4
2. Introdução	5
3. Objectivo Geral e Objectivos Específicos da Pesquisa	7
4. Enquadramento Teórico	8
4.1 Impulsionadores Sistémicos de Paradigmas Dominantes e Emergentes	8
4.2 Modelo de Regeneração e Desenvolvimento Local	9
4.3 Modelo de Desenvolvimento Regenerativo <i>WeLand</i> e os ODS	10
4.4 ODS e os Modelos Sistémicos de Regeneração e Resiliência	11
4.5 Serviços Ecosistémicos, Fermento Crítico e Violência Estrutural	13
4.6 Modelo de Resiliência Comunitária <i>All Our Relations</i> e Papéis de Catalisadores Comunitários	15
5. Metodologia	17
5.1 Selecção de quatro estudos de caso da Europa Periférica	17
5.2 Design do processo de Pesquisa-Ação Participativa	18
6. Conclusões e Reflexões	23
6.1 Caso de Estudo do Barlavento Algarvio	24
6.2 Conclusões Coletivas	30
7. Recomendações e Implicações	34
Referências	36

Lista de Imagens

Imagem 1: Equipa dos Catalisadores Comunitários durante a primeira reunião transnacional no Algarve, Portugal

Imagem 2: Ciclo do projecto Catalisadores Comunitários com foco na Fase 1 do Projecto 1

Imagem 3: Contextos VUCA

Imagem 4: O Modelo de Design Regenerativo

Imagem 5: O Modelo WeLand

Imagem 6: Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

Imagem 7: Objetivos de Desenvolvimento Sustentável de acordo com o Centro de Resiliência de Estocolmo

Imagem 8: Análise do Modelo dos Serviços Ecosistémicos

Imagem 9: Intervenção Comunitária e Envolvimento

Imagem 10: O Triângulo da Violência

Imagem 11: O Modelo Iceberg

Imagem 12: A Roda Medicinal Haudenosaunee

Imagem 13: O Modelo We Relations

Imagem 14: O Eneagrama

Imagem 15: A teia de Necessidades Humanas Fundamentais

Imagem 16: Exemplos de lugares de entrevistas com significado e inspiração para os entrevistados

Imagem 17: Exemplo de um canvas de entrevista a ser utilizado

Imagem 18: Reunião Comunitária em Acção no Algarve

Imagem 19: Gráfico de Resultados do processo de PAR no Barlavento Algarvio, Portugal

Imagem 23: Gráfico de Resultados do processo PAR nos quatro estudos de caso

Imagem 24: Resumo dos Resultados Coletivos e priorização dos ODS por região de estudo de caso

Lista de Tabelas

Tabela 1: Teoria X e Teoria Y de políticas de desenvolvimento e mudança de paradigma

Tabela 2: Priorização dos ODS no Barlavento Algarvio, Portugal

1. Prefácio e Agradecimentos

Este relatório retrata o processo e os resultados da primeira fase do projeto "Catalisadores Comunitários para o Desenvolvimento Regenerativo", financiado pelo programa ERASMUS + Key Action 2, sob o código do projeto 2018-2-HU01-KA205-048031. A fase de Pesquisa-Ação Participativa foi co-criada e implementada simultaneamente em quatro regiões rurais da Europa periférica por quatro dos seis parceiros do projeto: Profiantrop Association (Hungria); Palma Nana (Itália); Projeto Novas Descobertas & Orla Design (Portugal) e Resilience.Earth (Espanha). Além do financiamento ERASMUS +, este relatório é possível graças à participação ativa de todos os entrevistados em cada uma das regiões do estudo de caso:

Ecséd, HUNGRIA

Nena
Brigi
Gyöngyi
Irénke néni
Farkas Nikoletta
Nemes Balzs
Szabóné Lelovics Ilona
Kiss Árpád
IganácZ Zsolt
Hosszú Sándor
Bischof Norbert
Halmai Zsuzsa

Madonie, ITÁLIA

Ing Amenta
Nicola Cusumano
Magda Culotta
Giacomo di Marco
Giulio Gelardi
Angela Genchi
Giovanni Nicolosi
Franco Raimondo
Schillaci

Barlavento Algarvio, PORTUGAL

António Valadares, Lagos
Carla Cabrita, Sagres
Fátima Torres, 6 Marias
Filomena Carmo, Barão
S.João
Isabel Soares, A Rocha
Johannes e Astrid, Monte
Velho
Manuela Caneco, Barão S.
Miguel
Marina Mendes, Lagos
Melanie, Terra Crua
Nicolau da Costa, Raposeira
Sara Magalhães, Mar
Ilimitado
Walt Ludwick, Quinta Vale
da Lama

La Garrotxa, ESPANHA

Terra Aspra collective
Emili Bassols
Francesc Canalias
Mita Castañer
Jordi Grau
Josep Maria Mallarach
Joan Montserrat
Quim Morera
Joan Nasplesa
Llorenç Planagumà
Carles Santaaulària
Mercè Teixidor
Òria Vertedor

O nosso profundo agradecimento é estendido especialmente ao nosso planeta, que nos sustém e inspira, e aos nossos antepassados das quatro regiões, por fazerem o mesmo. Köszönöm, grazie, obrigado, gràcies,

A equipa dos Catalisadores Comunitários.



Imagem 1: Equipa dos Catalisadores Comunitários durante a primeira reunião transnacional no Algarve, Portugal (Orla Design, 2019)

2. Introdução

O nosso planeta está num acelerado ciclo degenerativo, em grande parte devido ao impacto humano. Por todo o mundo as regiões rurais oferecem um futuro promissor, dado seu papel fundamental na gestão das terras e no fornecimento de alimentos para as populações vizinhas. Além disso, devido à menor dimensão das comunidades rurais, proporcionam terreno fértil para testar alternativas que podem catalisar o aceleramento de mudanças sociais e ecológicas.

O relatório desta pesquisa oferece uma abordagem regenerativa para analisar o contexto atual e a identificação dos próximos passos em áreas rurais da Europa, usando os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU como principal *framework*. A ideia desta pesquisa surge da parceria transnacional de seis organizações que trabalharam juntas no projeto ERASMUS + "Catalisadores da Comunidade para o Desenvolvimento Regenerativo" no sentido de identificar respostas rurais a nível local à emergência climática global. A equipa propõe este projeto como o primeiro de uma série de três projetos, um para cada camada do "bolo de casamento" dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU (Rockström e Sukhdev, 2016) - camada da biosfera, camada da sociedade e camada econômica - começando com o Desenvolvimento Regenerativo como proposta para responder à camada da Biosfera.

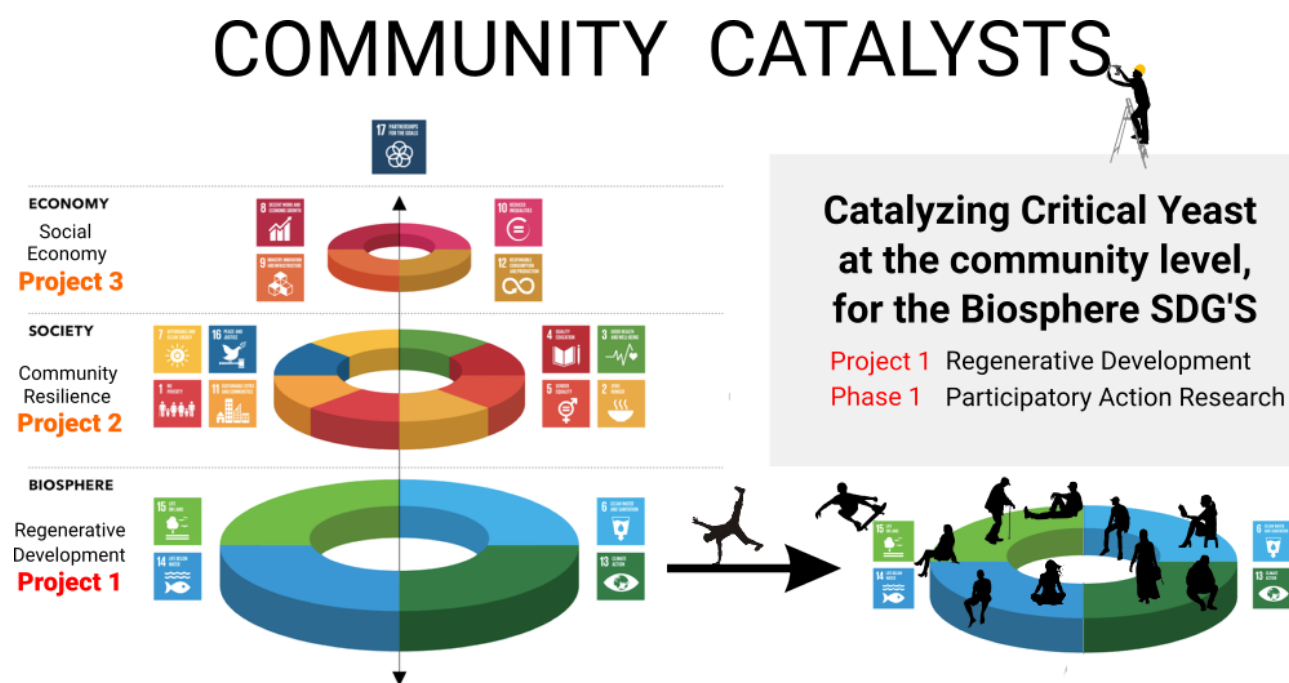


Imagem 2:Ciclo do projecto Catalisadores Comunitários com foco na Fase 1 do Projecto 1 (Resilience.Earth, 2019)

A pesquisa foi realizada entre Abril e Julho de 2019 e aplicou metodologias de Pesquisa-Ação Participativa para coletar dados e analisar resultados. Foram realizadas 46 entrevistas profundas e duas reuniões comunitárias participativas em quatro regiões rurais distintas da Europa periférica. As quatro regiões foram seleccionadas usando critérios que valorizam as suas qualidades e desafios, quer sejam os distintos, ou os comuns. Como tal, as quatro regiões rurais da Europa periférica foram:

1. Europa Atlântica Costeira (Barlavento Algarvio, Portugal)
2. Europa Mediterrânica Alpina (La Garrotxa, Catalunha)
3. Europa Mediterrânica Insular (Madonie, Sicília)
4. Europa Plana Continental (Ecséd, Hungria)

Este relatório descreve o enquadramento teórico, o processo metodológico e os resultados e conclusões iniciais do processo de pesquisa. Os resultados e conclusões serão revistos e utilizados para informar as próximas fases do projeto, nomeadamente uma formação de formadores transnacional e a elaboração de um conjunto de ferramentas e material didático para formadores em Desenvolvimento Regenerativo.

3. Objectivo Geral e Objectivos Específicos da Pesquisa

O processo de Pesquisa-Ação Participativa é baseado na Teoria dos Sistemas, utiliza os ODS como modelo e o Desenvolvimento Regenerativo como metodologia principal, de forma a envolver potenciais e atuais catalisadores de comunidades rurais para a transformação ecológica.

Catalisadores comunitários são aqueles capazes de estimular e impulsionar as suas comunidades para um sintagma (um novo paradigma que deixa obsoleto o antigo paradigma) que nos permite responder, em vez de reagir, ao contexto planetário em que estamos imersos como comunidades locais de uma sociedade global. Como tal, o objectivo geral deste processo de pesquisa é:

Consolidar o modelo regenerativo *WeLand* pesquisando os padrões emergentes de identidade, comportamento e desenvolvimento comunitário relacionados com a Biosfera em quatro realidades culturais diferentes na Europa.

Este objectivo é desenvolvido através dos seguintes objetivos específicos::

Objectivo Específico 1: Implementar um diagnóstico participativo que permita extrair padrões de como a crise ecológica global afeta a identidade local, em quatro territórios rurais diferentes na Europa

Objectivo Específico 2: Utilizar os ODS, um enquadramento conceptual de alta legitimidade, para promover diálogo intercultural sobre desenvolvimento local.

Objectivo Específico 3: Testar o modelo de Resiliência Comunitária *All Our Relations* na identificação de papéis dos catalisadores comunitários.

Objectivo Específico 4: Catalisar o *fermento crítico* a nível ecológico nas quatro regiões rurais de estudo, de forma a preparar as comunidades para as próximas fases do projeto.

Objectivo Específico 5: Gerar conhecimento que possa ser testado e desenvolvido com maior profundidade, a fim de consolidar o modelo de Desenvolvimento Regenerativo *WeLand*

4. Enquadramento Teórico

4.1 Impulsionadores Sistêmicos de Paradigmas Globais Dominantes e Emergentes

Os fundamentos teóricos desse processo de pesquisa são teorias de sistemas e, portanto, consideram o contexto global como VUCA (em português VICA – Volátil, Incerto, Complexo, Ambíguo - ver Figura 3).

O contexto VUCA emerge de duas forças principais que sustentam o paradigma dominante do nosso mundo:

1. **A Globalização**, que modifica culturas, políticas e o desenvolvimento geral dos países, reconfigurando o mundo numa nação global.
2. **A Violência Estrutural**, que prolifera a colonização a nível sistêmico e é caracterizada por uma política intercultural (Raimon Pannikar) e uma política auto-imposta (Henry David Thoreau).

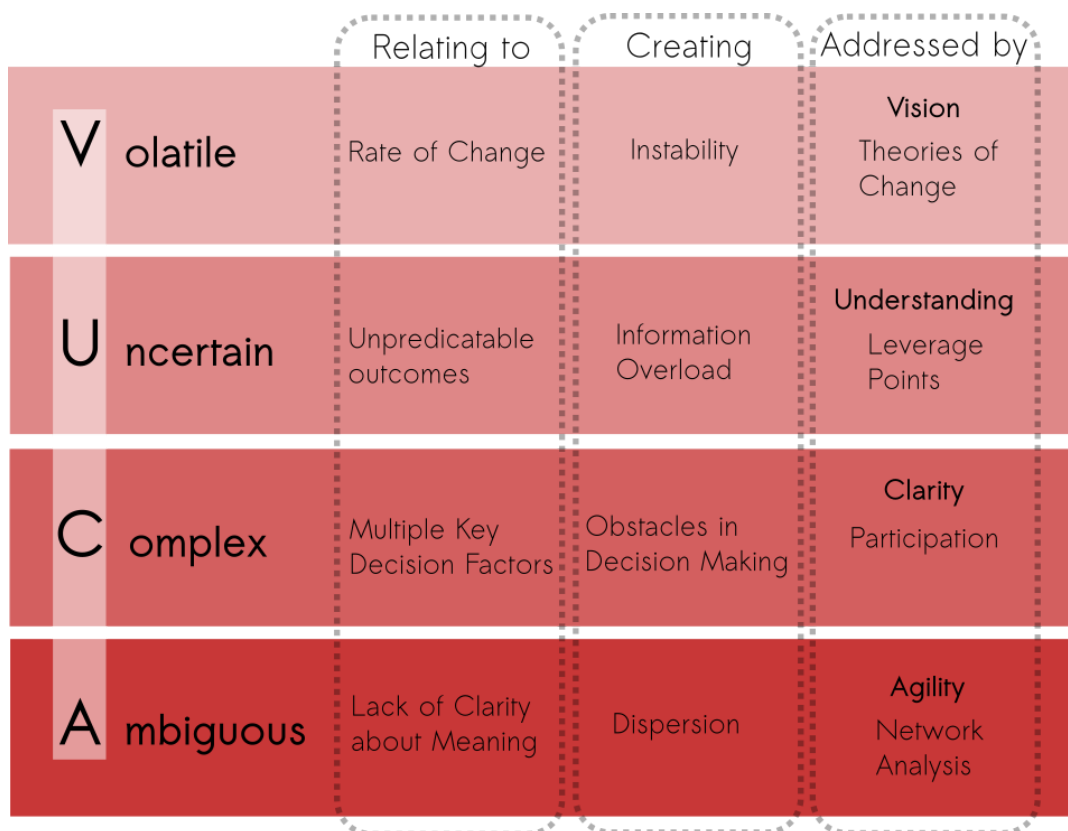


Imagem 3: Contextos VUCA (Resilience.Earth, 2018)

Essas duas forças geram consequências em larga escala, nomeadamente uma crise sistêmica a nível global. Essa crise pode ser definida pelas diferentes faces do mesmo prisma: crise energética, crise ecológica, emergência climática, crise humanitária ou de refugiados e pessoas deslocadas, crise alimentar e crise económica.

Isso torna necessária a existência de uma rede inter-independente de comunidades por todo o mundo (Panikkar, 2003), que possa unir comunidades locais enquanto alimenta as suas distintas relações com a terra. Mas isso implica uma mudança nas forças paradigmáticas, nas quais a liderança emerge a nível local e não de políticas internacionais. Assim, o impulsionador desta rede global não deve ser baseado em interesses de uma cultura patriarcal de medo e insegurança, mas sim do reconhecimento de desafios locais comuns, o que implica a necessidade de coordenação a nível do território.

A analogia clássica da Teoria X e Teoria Y, de Douglas McGregor (Gannon e Boguszak, 2013), pode ajudar-nos a entender esse fenómeno paradigmático emergente a nível municipal. A versão comunitária da Teoria X é a que domina a política local e internacional e que está a gerar a situação de crise sistémica. Pelo contrário, a aplicação da Teoria Y permitiria gerar e acelerar mudanças mais diversas, aumentando assim a capacidade adaptativa e a resiliência das comunidades. Por sua vez, isso poderia catalisar mudanças globais na nossa capacidade planetária de mitigar a crise e na nossa capacidade futura de co-criar uma sociedade intercultural à escala do planeta.

Teoria X	Teoria Y
As pessoas são preguiçosas	As pessoas trabalham arduamente e querem estar ocupadas
As pessoas evitam responsabilidades	As pessoas procuram responsabilidades e desafios
As pessoas precisam de ser controladas	As pessoas motivam-se e gerem-se a si próprias
As pessoas são <i>naïves</i> e sem iniciativa	As pessoas são criativas e competentes

Tabela 1: Teoria X e Teoria Y de políticas de desenvolvimento e mudança de paradigma

4.2 Modelo de Regeneração e Desenvolvimento Local

Este projeto é baseado num enquadramento conceptual regenerativo (Regenesys, 2016). O conceito de **regeneração** salta para fora da zona de conforto da sustentabilidade, estendendo-se para além dos limites da sustentabilidade e expandindo o potencial positivo do desenvolvimento humano. Esse enquadramento teórico pode ser entendido como uma revolução paradigmática no campo científico do desenvolvimento.

Actualmente o paradigma da **sustentabilidade** afirma que as sociedades humanas devem alcançar um equilíbrio a nível energético com o meio ambiente para sobreviver num mundo finito. A sustentabilidade tornou-se o paradigma alternativo popular e o principal enquadramento do desenvolvimento no Rio Summit em 1992. Outras correntes de pensamento emergiram da estrutura de sustentabilidade, como o **decrécimo**, que propõe um declínio no desenvolvimento para alcançar um ponto de equilíbrio entre o impacto humano e o meio ambiente.

Se aplicarmos os conceitos de sustentabilidade e decréscimo, conseguiremos restaurar os ecossistemas degradados a médio prazo e permitir a auto-recuperação da biosfera num ritmo natural. A suposição predominante no modelo da sustentabilidade é que o impacto humano sobre a natureza é intrinsecamente negativo (ver imagem 4)

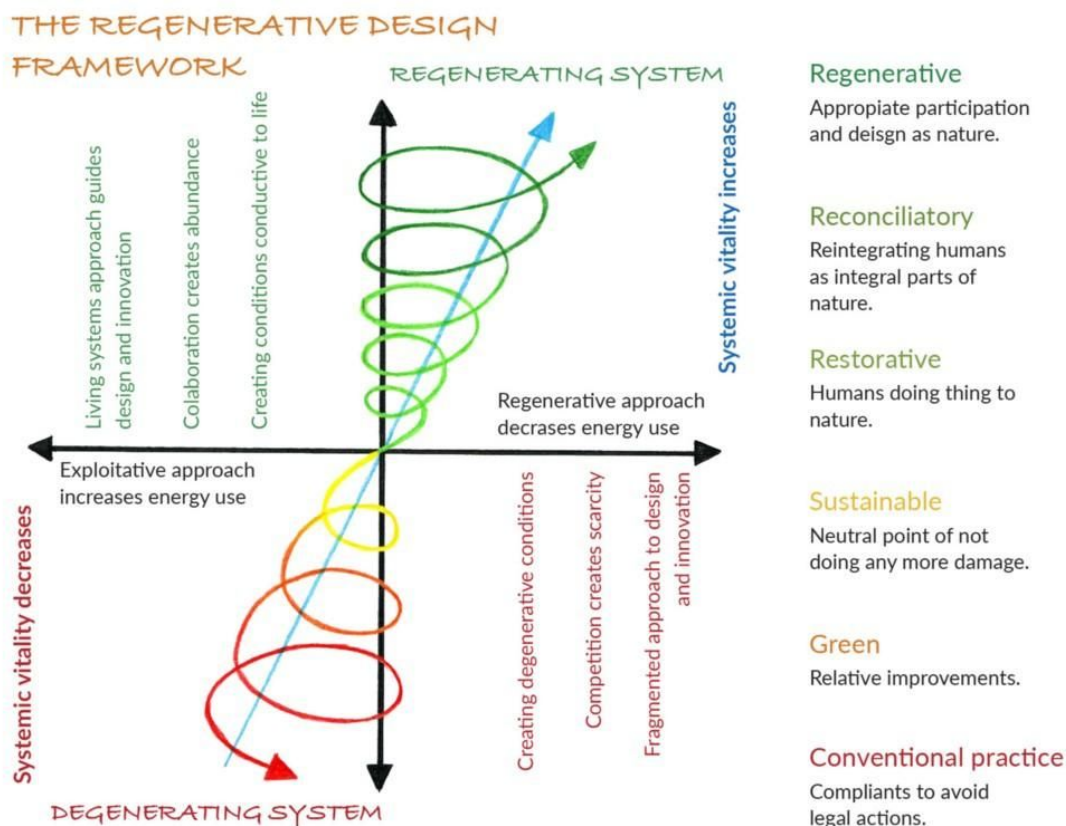


Imagem 4: Modelo do Desenvolvimento Regenerativo (Wahl, 2016, adapted from Reed, 2007)

O modelo regenerativo propõe que o impacto humano no meio ambiente não é necessariamente negativo. De facto, a atividade humana regenerativa pode realmente desencadear um desenvolvimento que acelera o restauro da biosfera. O desenvolvimento regenerativo pode até chegar ao ponto em que o desenvolvimento humano se funde com o processo evolutivo da natureza, gerando novos ecossistemas equilibrados que podem aumentar a complexidade e a diversidade de uma biosfera e que podem envolver-se implicitamente com o desenvolvimento humano.

Esse tipo de desenvolvimento é conhecido como desenvolvimento regenerativo e reconcilia a capacidade tecnológica¹ e a evolução natural. Dessa forma, o desenvolvimento regenerativo coloca as pessoas como guardiões dos seus territórios locais e do planeta, em vez de proprietários, extratores e administradores dos seus recursos.

¹ capacidade tecnológica, neste caso, é entendida como a capacidade de co-desenhar e co-criar com o mundo natural, com raiz grega «Tekne», e não é entendida como uma capacidade industrial ou de engenharia.

4.3 Modelo de Desenvolvimento Regenerativo *WeLand* e os ODS

Para implementar esse novo paradigma regenerativo a nível do território são necessárias ferramentas de pesquisa coletiva. É aqui que os catalisadores comunitários entram em jogo. O investigador e membro do colectivo Orla Design, Hugo Oliveira, co-desenvolveu um modelo regenerativo chamado “We Land”, que

será testado ao longo deste projeto para explorar o seu potencial transformador a nível regional (<http://weland.design>).

O modelo We Land propõe um processo baseado em indicadores qualitativos e permite que pesquisadores e participantes aprofundem conceitos como identidade, sentimentos de pertença, natureza humana e serviços ecossistêmicos. Estes são os parâmetros básicos necessários para gerar desenvolvimento em equilíbrio com o meio ambiente. Esse modelo qualitativo complementa os modelos quantitativos que são funcionais e úteis para fins tecnocráticos mas não têm a capacidade de entender e co-criar um processo de desenvolvimento humano capaz de gerar a complexidade que é intrínseca à vida, à biosfera e à espécie humana.

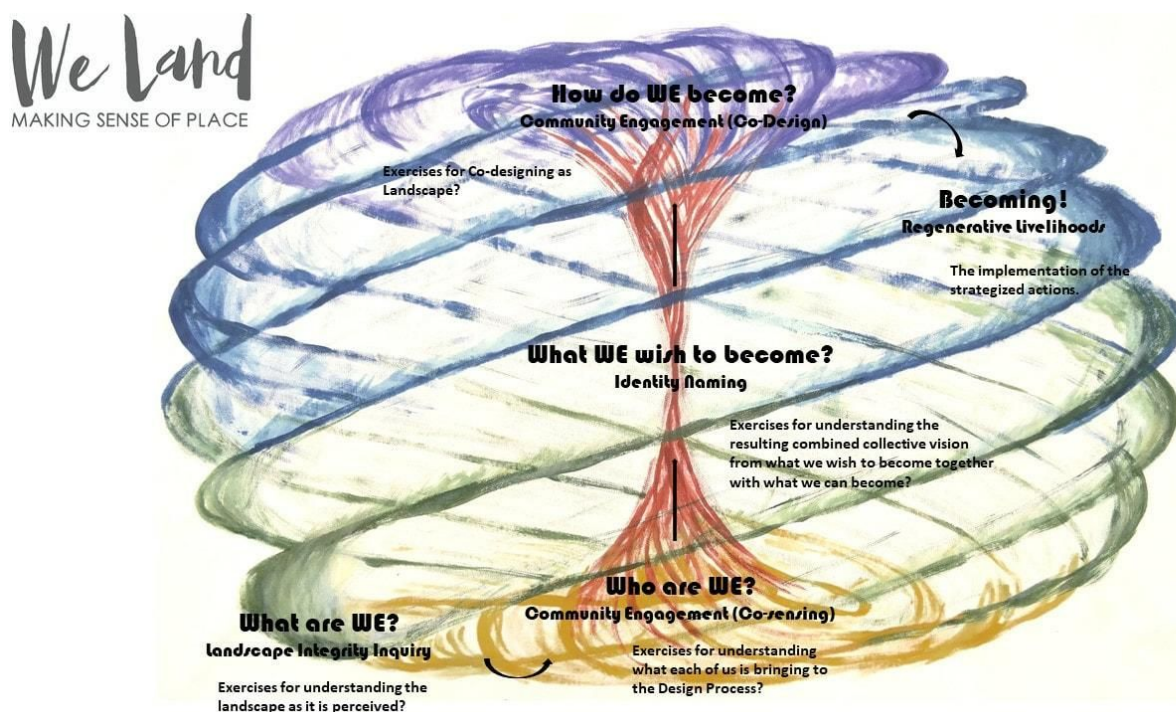


Imagem 5: Modelo WeLand (Oliveira, et al, 2018)

4.4 Os ODS e os modelos sistêmicos de Regeneração e Resiliência

A equipa de Catalisadores Comunitários acredita que o modelo “*We Land*” tem potencial para se tornar uma ferramenta de pesquisa coletiva ideal para a implementação de Desenvolvimento Regenerativo a nível local. Ao mesmo tempo, percebemos a necessidade de indicadores quantitativos transversais que permitam o diálogo intercultural entre as diferentes comunidades rurais nas quais pode ser implementado. Por esse motivo, acreditamos que o uso dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) das Nações Unidas (ver Figura 6) pode fornecer uma estrutura internacionalmente aceite que confere legitimidade ao intercâmbio intercultural. Estamos conscientes de que uma estrutura criada nas Nações Unidas deve ser o mais genérica possível, a fim de poder ser adaptada localmente às 193 nações signatárias.

Por isso decidimos adotar uma interpretação regenerativa dos ODS, uma vez que isso nos permite desenvolver o projeto com uma base teórica mais forte. Essa estrutura é conhecida como "Bolo de Casamento" do Centro de Resiliência de Estocolmo na Suécia, e é considerada uma das principais referências mundiais na área da resiliência (ver Imagem 7).



Image 6: Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (United Nations, 2015)

A Resiliência é um modelo complementar à Regeneração, ambas estruturas sistêmicas. Regeneração concentra-se no aumento da complexidade de um sistema, enquanto resiliência foca-se na sua capacidade adaptativa. Ambos os processos estão intimamente relacionados mas tornam-se duas faces muito úteis do mesmo prisma.

A **Regeneração** pode acompanhar o processo de desenvolvimento, promovendo um impacto humano positivo num território, restaurando e regenerando o ambiente natural em estreita relação com o desenvolvimento humano.

A **Resiliência** pode acompanhar a gestão da mudança, promovendo a aprendizagem a partir do contexto de mudança para que as comunidades possam seguir um processo qualitativo de melhoria contínua, aumentando a sua complexidade e adaptação ao ambiente que as envolve.

Em suma, este processo de pesquisa utiliza o *WeLand* como modelo regenerativo, que nos permite implementar o desenvolvimento regenerativo a nível local. Essa ferramenta está enquadrada num modelo internacional com ampla legitimidade que permite abrir um diálogo intercultural - o bolo de casamento dos ODS pelo Centro de Resiliência de Estocolmo.

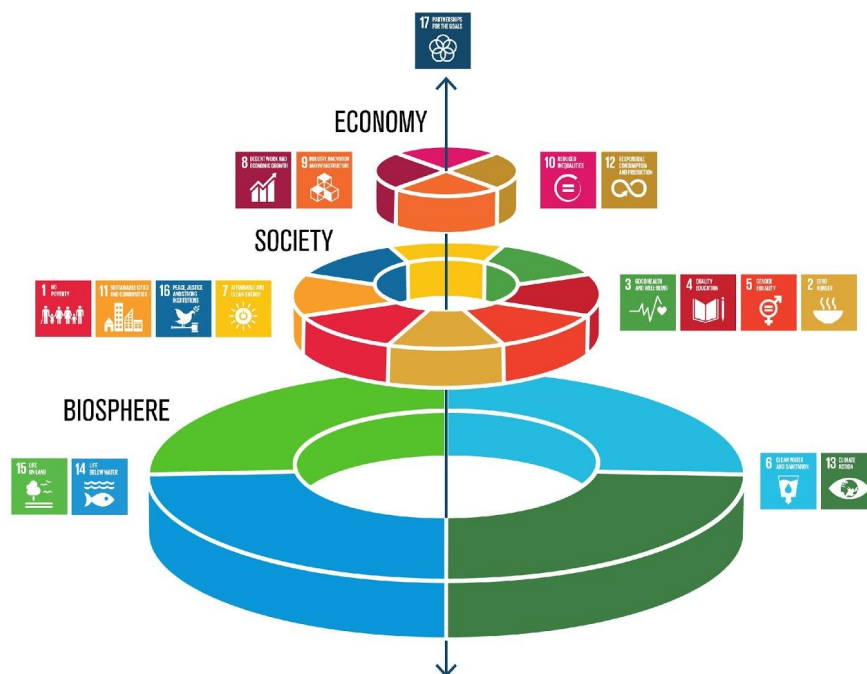


Imagem 7: Objetivos do Desenvolvimento Sustentável pelo Centro de Resiliência de Estocolmo (Rockström & S, 2016)

4.5 Serviços Ecosistêmicos, fermento crítico e violência estrutural

Um novo modelo sistêmico que está a ganhar popularidade a nível técnico chama-se *Serviços Ecosistêmicos* pois ajuda comunidades a avaliar o valor e o impacto do ambiente natural usando critérios quantitativos e qualitativos. Este modelo define e categoriza a importância da natureza para os seres humanos em diferentes áreas, incluindo as menos materialistas (ver Figura 8).

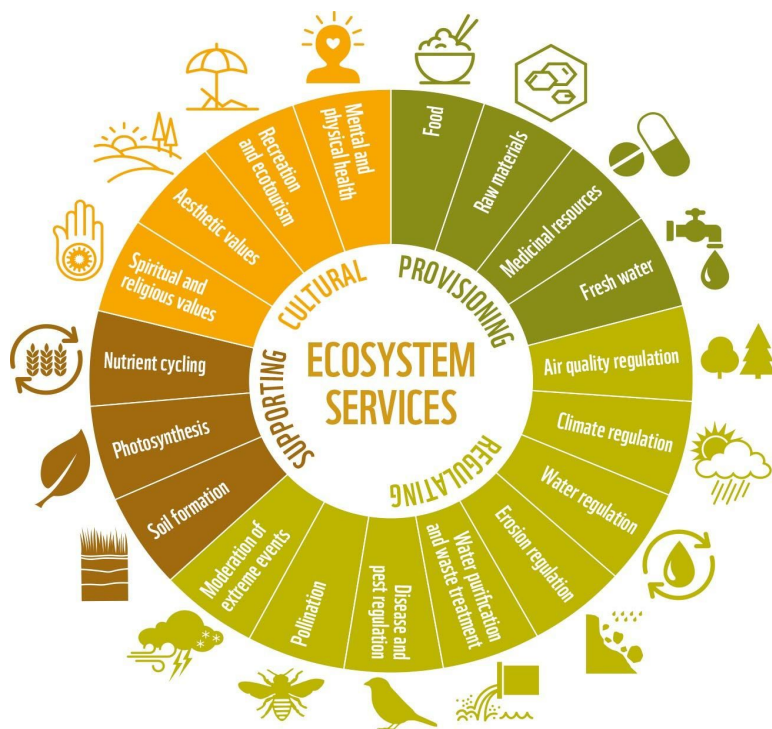


Imagem 8: Modelo de Análise de Serviços Ecosistêmicos

No entanto, faltam ainda ferramentas consistentes com os modelos sistêmicos acima mencionados; ferramentas que nos permitam gerar uma Pesquisa-Ação Participativa local capaz de extrair os padrões da comunidade de que precisamos para testar o modelo We Land e aprofundá-lo, se necessário. Por esse motivo, integramos o conceito de “fermento crítico” (Lederach, 2005) e violência estrutural (Galtung, 2000). Lederach afirma que o principal objetivo de catalisar a mudança ao nível comunitário é superar a violência estrutural da Teoria X (ver Figura 10) e permitir o desenvolvimento da comunidade com base na Teoria Y. Para que a transformação comunitária aconteça pode começar-se com um número muito pequeno de pessoas. Essas pessoas não são um grupo arbitrário da comunidade, mas sim pessoas-chave com papéis de liderança em diferentes subsistemas da comunidade (ver Figura 9).

Different Levels and Logics of Intervention

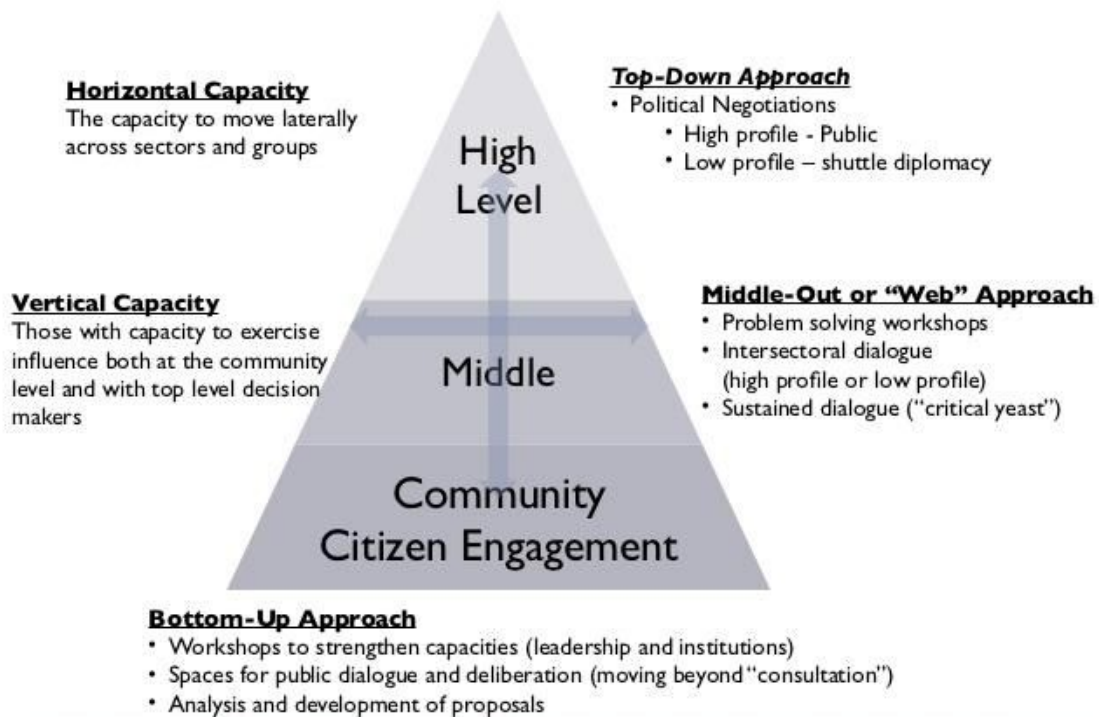


Imagem 9: Intervenção e Envolvimento Comunitário (Lederach, 2011)

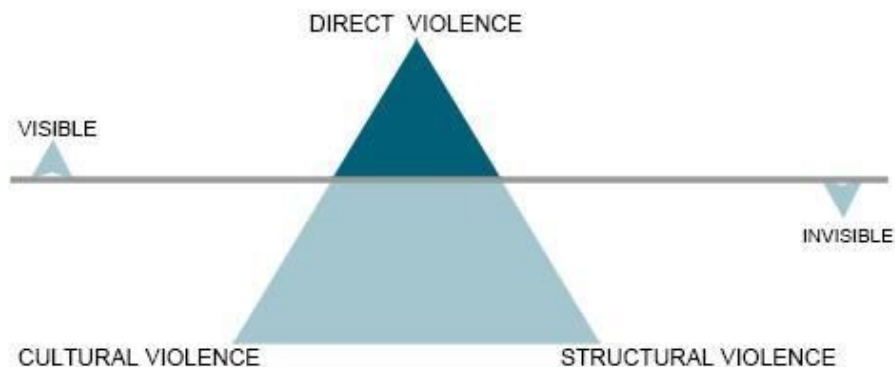


Imagem 10: O Triângulo da Violência (Galtung, 2000)

4.6 Modelo de Resiliência Comunitária *We Relations* e papéis dos Catalisadores Comunitários

Para selecionar os participantes da entrevista que representam uma diversidade de catalisadores comunitários, os membros da cooperativa Resilience Earth, Erika Zárte e Oscar Gussinyer, desenvolveram um modelo chamado *All Our Relations* (Zárte, 2014), baseado no *Modelo de Transformação Sistêmica Iceberg* (veja a Figura 11), desenvolvido por Peter Senge (Senge, 2014) e baseado no trabalho de Donella Meadows sobre *leverage points* (Meadows, 2009). O modelo *All Our Relations* também é inspirado na Roda Medicinal da nação Haudenosaune (ver Figura 12), conhecido geo-politicamente como o estado de Nova York, EUA e a província de Ontário, Canadá. A Roda Medicinal representa uma cosmovisão (Panikkar, 2003), enraizada no relacionamento com a terra e partilhada por centenas de nações indígenas em todo o mundo.

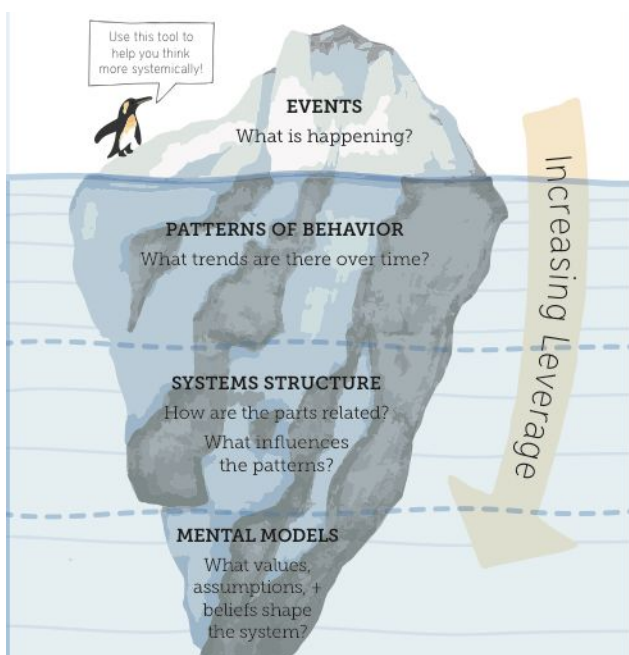


Imagem11: O Modelo Iceberg (Senge, 2014)

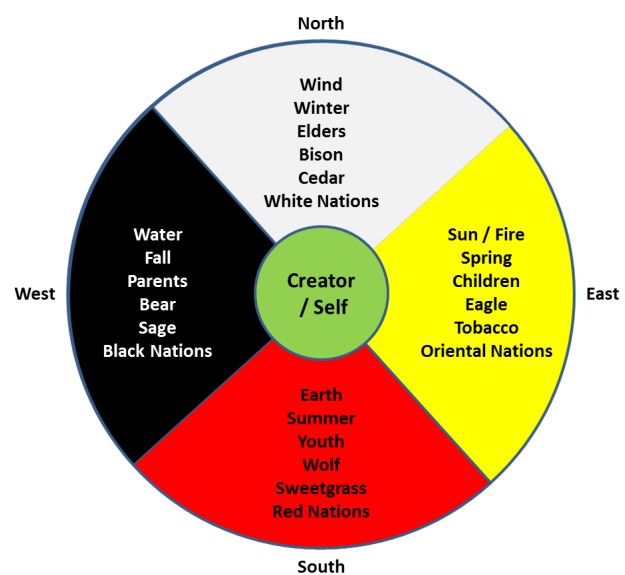


Imagem 12: A Roda Medicinal Haudenosaune (Longboat, 2003)

All Our Relations é um modelo sistêmico que define as relações de uma comunidade com base nos seus padrões, hierarquizados através do modelo *Iceberg*. Permite-nos identificar *leverage points* que podem catalisar uma comunidade na direção de um equilíbrio emergente, a base para o desenvolvimento regenerativo (ver Imagem 13). O modelo *All Our Relations* identifica papéis específicos de membros da comunidade dentro e entre cada um dos quatro principais setores. Esses papéis estão relacionados com o Eneagrama, um modelo usado pela psicologia Gestalt para identificar padrões de personalidade. O Eneagrama original (ver Imagem 14) é baseado em pessoas a nível individual e, neste caso, foi adaptado ao nível da comunidade. Além disso, o prêmio Nobel Manfred Max-Neef fala de *factores de satisfação* para identificar as necessidades humanas (ver Imagem 15). Com estes modelos adicionais, podemos identificar melhor os papéis e as necessidades da comunidade no processo de desenvolvimento humano. Isso permitiu-nos definir 10 papéis que juntos, formam o fermento crítico para a transformação comunitária. Devido ao seu papel na comunidade, esse grupo de pessoas é capaz de mobilizar a massa crítica, que é definida como 11% da população de um sistema.

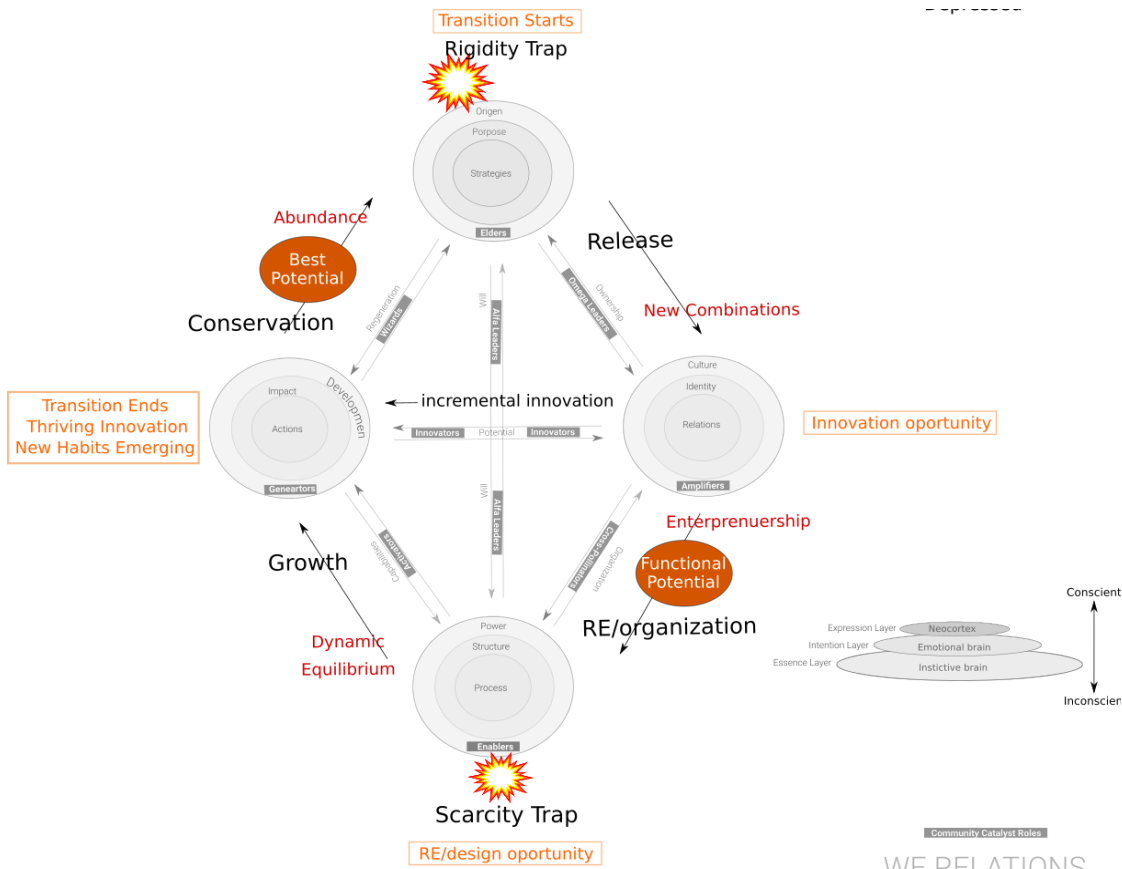


Imagem 13: Modelo All Our Relations (Gussinyer & Zárate, 2019)

Para concluir, ao sermos capazes de identificar e catalisar o fermento crítico através do modelo *All Our Relations*, devemos ser capazes de catalisar a massa crítica através do modelo *WeLand*. Isso permite gerar mudança cultural rumo ao desenvolvimento regenerativo de um território.

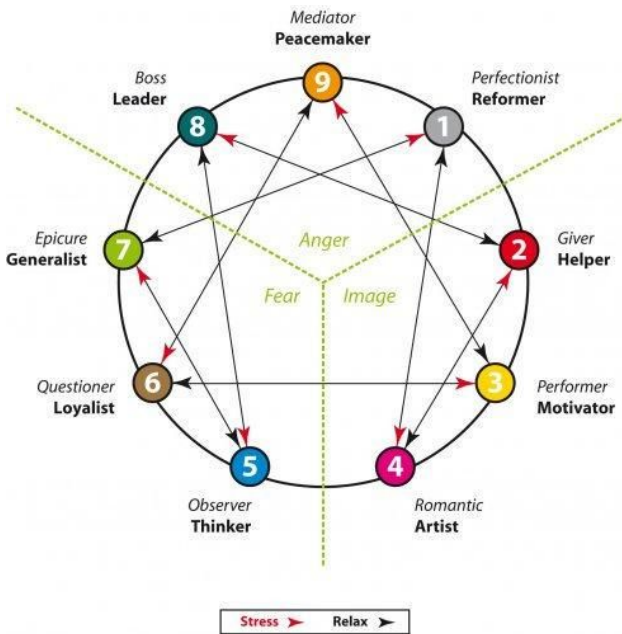


Image 14: The Enneagram (Naranjo, 1995)

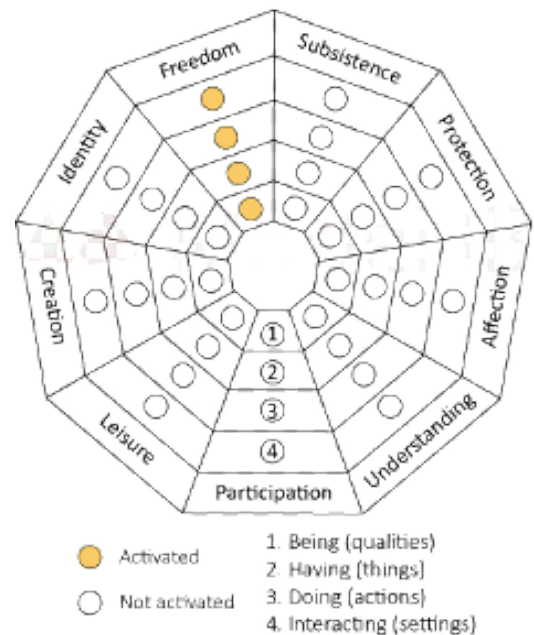


Image 15: Human Needs Satisfier web (Max-Neef, 1999)

5. Metodologia

5.1 Selecção de quatro estudos de caso na Europa Periférica

Este projeto definiu sua área de trabalho com o conceito de “margens”. Em sistemas hierárquicos e centralizados, geram-se margens nas quais o sistema não tem capacidade de acção. As margens permanecem na periferia da hierarquia social e geralmente são caracterizadas por uma maior precariedade em comparação com o centro do sistema. O contexto VUCA é ainda mais acentuado nas margens e essas regiões são valorizadas pelo sistema essencialmente devido aos recursos com os quais contribuem para as zonas centrais.

Pelo contrário, numa perspectiva sistêmica, as áreas marginais representam áreas com alto potencial de desenvolvimento, pois a rigidez da violência estrutural não é tão forte, abrindo espaço para a criatividade e o surgimento de padrões naturais.

Por esse motivo, no início do projeto Catalisadores Comunitários selecionamos parceiros de regiões enquadradas nos seguintes critérios:

- Fazer parte dos países periféricos da União Europeia
- Fazer parte de áreas marginais no seu próprio país
- Fazer parte de uma bio-região clara e singular
- Pertencer a uma cultura única e periférica

Não ser de áreas extremamente afetadas por exploração, o que limitaria a implementação de projetos de desenvolvimento regenerativo devido à falta de recursos

As quatro regiões que atendem aos critérios acima mencionados são:

- 1.**
Madonie, Sicilia
ITÁLIA
Uma **região rural insular**. Este caso apresenta uma região que fala o seu próprio dialeto e possui uma cultura antiga e única. É uma zona claramente periférica, mas ao mesmo tempo tem capacidade de resposta.
- 2.**
Barlavento
Algarvio
PORTUGAL
Uma **região rural Atlântica costeira**. Este caso apresenta uma região com uma história única e milenar que fica no extremo oeste da Europa. Desenvolveu uma economia baseada essencialmente em frutos secos, pesca e turismo.
- 3.**
Ecséd
HUNGRIA
Uma **região rural de planície continental**. Este caso apresenta comunidades ciganas que têm a sua própria língua e cultura antigas e únicas. Representam também uma das culturas mais marginalizadas da Europa.
- 4.**
La Garrotxa
Girona, ESPANHA
Uma **região rural alpina do Mediterrâneo**. Este caso apresenta uma região montanhosa rural que fala catalão, um idioma não reconhecido pela União Europeia. Tem uma história única e uma economia suficientemente ativa, mas não de longo termo.

5.2 Design do processo de Pesquisa-Ação Participativa

A equipa de pesquisa considerou importante gerar um processo de Pesquisa-Ação Participativa (em inglês PAR) o mais estruturado possível, tendo em consideração que o trabalho seria feito em quatro regiões culturais diferentes com idiomas distintos. Deu também prioridade a um processo que ajudaria a alcançar os objetivos e que poderia ser realizado com entrevistas mais profundas, com a duração de 60 a 120 minutos. Outra consideração importante no processo de PAR foi como integrar os quatro ODS da camada da Biosfera no processo de pesquisa. Os quatro ODS relacionados à biosfera e integrados no PAR são:



Através de várias reuniões on-line sobre o processo de pesquisa entre os quatro parceiros regionais, todos esses fatores foram levados em consideração e as fases de pesquisa seguintes foram acordadas e levadas a cabo.

FASE 1: SELECÇÃO DE PARTICIPANTES QUE REPRESENTAM *FERMENTO CRÍTICO*

A selecção dos membros que representam o *fermento crítico* da comunidade na esfera ecológica foi baseada em papéis estabelecidos no modelo “*All Our Relations*” que está relacionado com os perfis do Eneagrama da personalidade.

Anciãos Um membro da comunidade que é uma referência por ser ancião e capaz de manter a história do local. Alguém amplamente respeitado. Uma pessoa calma e que pode mediar conflitos OU por vezes conformistas porque preferem que as coisas continuem iguais de forma a evitar conflitos.

(9 no eneagrama)

Líder Alpha Uma pessoa que é líder evidente e que as pessoas têm como referência na comunidade. Capazes de organizar a comunidade. Em muitos casos, podem ser políticos ou alguém conhecido publicamente. Podem ser dominantes e orgulhosos. Podem ser alguém que controla a comunidade OU que, por outro lado, considera generosamente toda a comunidade nas suas decisões.

(8 no eneagrama)

Líder Omega	<p>Uma pessoa que lidera “nos bastidores” e que pode não ser tão conhecida. Frequentemente relacionados com economia social e solidária. Geralmente respeitados pelos membros da sua comunidade. Pessoas muito ocupadas que tendem a ter um bom sentido de humor ou características atraentes para os outros. Podem também ser superficiais OU muito generosos e comprometidos com a comunidade.</p> <p>(7 no eneagrama)</p>
Ampliador	<p>Uma pessoa activa na economia local, podendo ser funcionária ou trabalhar por conta própria. Tendem a ser pessoas muito responsáveis e trabalhadores empenhados. Podem ser inseguros, com baixa auto-estima OU independentes e comprometidos em ajudar as pessoas menos privilegiadas.</p> <p>(6 no eneagrama)</p>
Inovador	<p>Alguém conhecido como sendo criativo, que suporta a comunidade através da capacidade de gerar dinheiro ou da sua criatividade. Pode ser alguém relacionado com novas tecnologias. São geralmente pessoas muito intelectuais e consideradas inteligentes. Podem ser pessoas nervosas e anti-sociais, mas podem também ser visionários, trazendo novas perspectivas aos outros.</p> <p>(5 no eneagrama)</p>
Cross pollinator	<p>Alguém que conhece muitas pessoas da comunidade; além de conhecer pessoas influentes conhece também pessoas de diferentes grupos culturais e classes sociais. Podem pertencer ao sector privado, social ou a uma comunidade ativista. São altamente dedicados ao trabalho, muito seguros de si. Podem ser oportunistas OU muito autênticos e uma inspiração para os outros.</p> <p>(3 no eneagrama)</p>
Facilitador	<p>Uma pessoa que tem poder na comunidade e é capaz de fazer coisas acontecer ou impedir que aconteçam. Alguém que geralmente trabalha como técnico na administração pública. Podem ser pessoas muito organizadas, com muito conhecimento e conscientes do que funciona ou não, para o desenvolvimento da comunidade. Podem ser impacientes e perfeccionistas OU sensatos e dignos.</p> <p>(1 no eneagrama)</p>
Activador	<p>Uma pessoa que trabalha pela distribuição de poder e cria espaços para pessoas na base da pirâmide social. Pode ser alguém que trabalha numa ONG. Podem ser empáticos e com compaixão. Por vezes não estão realmente conscientes das suas próprias necessidades OU podem ser muito generosos e com amor incondicional relativamente a si mesmos e aos outros.</p> <p>(2 no eneagrama)</p>

Gerador Uma pessoa que começa coisas novas que não existiam antes. Alguém com muita energia e que quer mudar as coisas e que é realmente positivo. Pode ser alguém de uma *startup* ou ativista. Podem ser sensatos e um pouco reservados. Podem ser auto-complacentes OU muito criativos e capazes de gerar mudanças.

(4 no eneagrama)

Mago Uma pessoa que vê mais além e que pode não ser totalmente compreendida na comunidade, mas que ainda assim tenta trazer equilíbrio. Alguém que pensa fora da caixa, mas que não fica apegado a nenhum dos lados. Podem parecer *cross pollinators*, embora o *cross pollinator* olhe mais para as pessoas influentes e o mago olha para além do poder.

(esse papel não é expresso no eneagrama)

Ao selecionar um mínimo de um catalisador comunitário por papel, o grupo final de participantes da pesquisa para cada região foi altamente diverso e heterogêneo, e especificamente referente ao âmbito da biosfera. Cada entrevistado demonstrou características claras de liderança em diferentes níveis e em diferentes aspectos.

FASE 2: ENTREVISTAS

As entrevistas foram planejadas tendo em consideração os seguintes critérios:

Condições do meio: A nossa cultura é de separação da natureza e maior parte do tempo acontece em contexto claramente urbano, afetando o nosso comportamento e a nossa capacidade de realçar o pensamento abstrato e racional. Consideramos que, para responder a estas perguntas com maior sensibilidade e profundidade, é importante contextualizar adequadamente a entrevista, propondo por isso a realização das entrevistas em espaços da paisagem que a pessoa valoriza a nível pessoal.

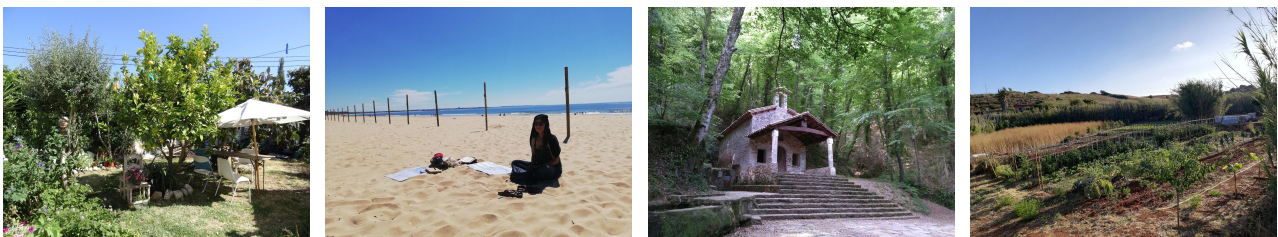


Imagem 16: Exemplos de lugares das entrevistas com significado e inspiração para os entrevistados (Orla Design & Resilience Earth, 2019)

Estrutura da entrevista: para realizar com agilidade as entrevistas priorizamos a criação de um *canvas* em formato de jogo que as torna menos racionais. Daí termos utilizado critérios de design sistémico, onde a pessoa entrevistada poderia posicionar fisicamente as metas de cada ODS com base no seu estado de equilíbrio a nível regional. As três categorias eram em equilíbrio, em desequilíbrio e em estado de emergência. Utilizamos também critérios de design gráfico para torná-lo mais claro no nível da codificação de cores. O enquadramento do *canvas* não era como um *canvas* convencional, que muitas vezes pode ser demasiado racional e levar à abstração.

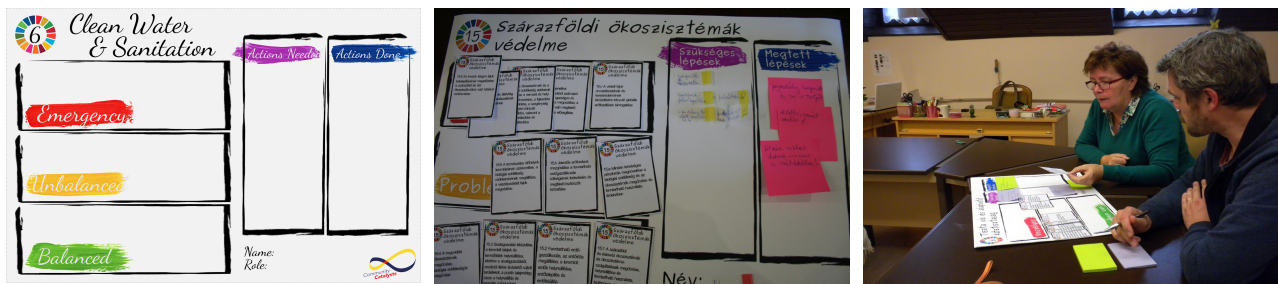


Imagem 17: Exemplo de uma entrevista com o canvas em utilização (Profilantrop, 2019)

Fácil de manusear: cada entrevistado preencheu quatro canvases, um para cada ODS relativo à Biosfera. Cada região completou entre 9 e 13 entrevistas, o que resultou em 184 telas para analisar. O processo de pesquisa foi elaborado com o objetivo de minimizar a desordem dos canvases, o que teria sido problemático a nível do tratamento de dados. Todos os entrevistadores tiraram fotos dos canvases e do local das entrevistas, enviando-as por e-mail ao coordenador da pesquisa. Preencheram também uma tabela on-line com os dados em bruto a fim de facilitar o processo de análise.

O guia da entrevista era muito simples, para não sobrecarregar o entrevistado com demasiadas estruturas racionais:

GUIÃO DA ENTREVISTA

1. Coloque os cartões das metas dos ODS no espaço que considera mais relevante, com base no estado de equilíbrio do mesmo na sua região.
2. Na sua opinião, quais as ações que precisam acontecer na sua região relativamente a este ODS?
3. Quais as ações que já foram realizadas na sua região relativamente a este ODS?
4. Repita os 3 primeiros passos para os outros 3 ODS.

FASE 3: SESSÕES COMUNITÁRIAS PARTICIPATIVAS

Dois dos quatro parceiros realizaram reuniões comunitárias participativas para validar coletiva e publicamente os resultados das entrevistas e para aprofundar a análise dos resultados. A estrutura das sessões variou, embora tenha seguido um plano geral para a sessão.

- 0:00 Boas-vindas e apresentação da agenda da reunião comunitária e seus objetivos
- 00:15 Dinâmica de apresentação entre participantes
- 00:45 Apresentação dos resultados em formato de jogo onde os participantes se envolvem com os resultados podendo adicionar, alterar e/ou validar os mesmos.
- 03:00 Fecho da sessão comunitária



Imagem 18: Reunião Comunitária em acção no Algarve (Orla Design, 2019)

FASE 4: COLECTA E ANÁLISE DE DADOS

Para realizar essa fase do PAR, foi elaborada uma tabela de dados que nos permitiu trabalhar quantitativamente e qualitativamente os resultados do PAR de todas as 184 telas das quatro regiões. Os membros da equipa de pesquisa inseriram os resultados das entrevistas em bruto numa tabela genérica (veja as Imagens 18 - 21), que calculou os resultados usando o seguinte esquema relacionado com o canvas dos ODS:

- 0 = em equilíbrio
- 1 = em desequilíbrio
- 2 = em estado de emergência
- x = considerado irrelevante

A média por ODS foi calculada como um número entre 0 e 2 para corresponder ao esquema de cálculo original. Considera a média das metas que foram respondidas, sendo depois multiplicada pela percentagem de entrevistados que consideraram a meta relevante, de forma a dar uma média relativa e objetiva.

6. Conclusões e Reflexões

Tendo em conta o contexto actual em que comunidades e nações declaram emergência climática, assim como a União Europeia e as Nações Unidas planeiam uma importante mitigação climática antes de 2030, o objetivo desta Pesquisa-Ação Participativa (PAR) não é, no entanto, avaliar a situação ambiental da biosfera da quatro regiões de estudos de caso. Tem como objetivo ***avaliar a sensibilização de cada comunidade relativamente às implicações da crise global a nível local, assim como a forma como essas implicações afetam a identidade local***. A identidade local é entendida como a base do comportamento social da comunidade, os hábitos individuais e os seus impactos ambientais. Esta pesquisa leva-nos a compreender melhor a capacidade de resposta da comunidade com base na intensidade de violência estrutural que sofre e, conseqüentemente, a sua resiliência territorial e capacidade regenerativa.

Apresentaremos os resultados com dados em bruto, para que na próxima reunião transnacional em Setembro de 2019 em Ecséd, Hungria, toda a equipa de pesquisa possa analisar coletivamente as implicações dos resultados do PAR e como podem melhor informar as próximas fases do projeto.

Cada região envolvida e os respectivos resultados coletivos contêm uma tabela que descreve as principais metas dos ODS prioritizadas como próximos passos pelos entrevistados. O tamanho da imagem dos ODS corresponde ao seu nível de prioridade geral, sendo o maior ODS a principal prioridade, o segundo maior ODS a segunda prioridade e assim por diante. O código de cores para os alvos individuais nas tabelas 2, 3, 4, 5 e 6 são:

- vermelho: metas classificadas como em estado de emergência, com pontuação igual ou superior a 1,50 (apelo à ação)
- amarelo: metas classificadas como em desequilíbrio, com pontuação igual ou superior a 1,00 (aviso significativo)
- verde: metas classificadas em equilíbrio, com menos de 1,00

A fim de comparar resultados internamente e entre estudos de caso, levamos também em consideração 10 principais indicadores para determinar a prioridade de ação e colocamos os números de 1 a 10 ao lado das metas correspondentes.

A segunda tabela apresentada para cada estudo de caso regional contém os dados brutos dos resultados da entrevista, com os seguintes cálculos:

- 0 = em equilíbrio
- 1 = em desequilíbrio
- 2 = em estado de emergência
- x = considerado irrelevante

A média calculada é um número entre 0 e 2 e tem em consideração a média das metas que obtiveram respostas. É depois multiplicada pela percentagem de pessoas que responderam e que consideraram a meta relevante para fornecer uma média relativa e objetiva.

Apresentamos de seguida os resultados do estudo de caso português, no Barlavento Algarvio, que inclui participantes de Lagos, Vila do Bispo e Aljezur.

6.1 Estudo de Caso do Barlavento Algarvio





			
6.1 Água potável segura e acessível	4 13.1 Fortalecer a resiliência e capacidade de adaptação a desastres relacionados com o clima	7 14.1 Reduzir a poluição marinha	3 15.1 Conservar e restaurar ecossistemas terrestres e de água doce
6.2 Acabar com defecação a céu aberto e providenciar acesso a saneamento e higiene	5 13.2 Integrar medidas de alterações climáticas em políticas e planeamento	14.2 Proteger e restaurar ecossistemas	8 15.2 Acabar com a deflorestação e restaurar florestas degradadas
6.3 Melhorar a qualidade da água, reaproveitamento seguro e tratamento de águas residuais	13.3 Aumentar conhecimento e capacitação para enfrentar as alterações climáticas	14.3 Reduzir acidificação dos oceanos	1 15.3 Acabar com desertificação e restaurar terras degradadas
6.4 Aumentar o uso eficiente da água e assegurar abastecimento de água doce	13.A Implementar o quadro da convenção da ONU em alterações climáticas	14.4 Promover a pesca sustentável	15.4 Assegurar a conservação de ecossistemas de montanha
10 6.5 Implementar gestão integrada de recursos hídricos	6 13.B Promover mecanismos que aumentem a capacidade de planeamento e gestão	14.5 Conservar áreas costeiras e marinhas	2 15.5 Proteger a biodiversidade e habitats naturais
6.6 Proteger e restaurar ecossistemas relacionadas com a água		14.6 Acabar com subsídios que contribuam para a sobrepesca	15.6 Promover o acesso a recursos genéticos e partilha justa dos benefícios
6.A Expandir apoio a água e saneamento a países em desenvolvimento		14.7 Aumentar benefícios económicos do uso sustentável dos recursos marinhos	15.7 Eliminar caça furtiva e o tráfico de espécies protegidas
6.B Apoiar o envolvimento local na gestão de água e saneamento		14.A. Aumentar conhecimento científico, pesquisa e tecnologia para a saúde dos oceanos	15.8 Prevenir espécies invasoras em ecossistemas terrestres e aquáticos
		14.B. Apoiar pesca de pequena escala	9 15.9 Integração dos ecossistemas e da biodiversidade no plano governamental
		14.C. Implementar e aplicar a Lei Internacional do Mar	15.A Aumentar recursos financeiros para conservação e uso sustentável dos ecossistemas e biodiversidade
			15.B Financiar e incentivar gestão florestal sustentável
			15.C Combater a caça furtiva e tráfico globais

Tabella 4: Priorização dos ODS no Algarve, Portugal (Orla Design, 2019)

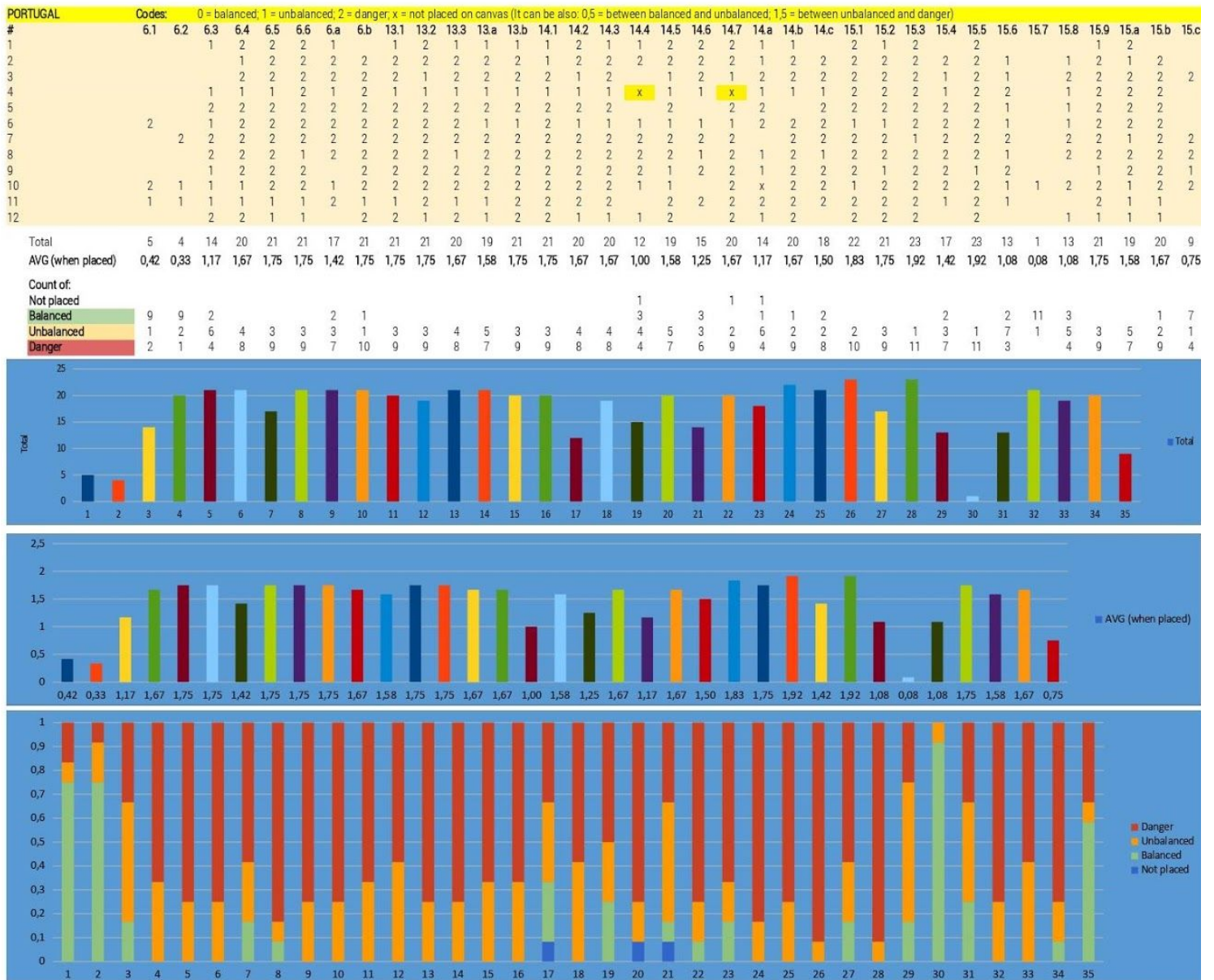


Imagem 21: Gráfico dos resultados do PAR no Algarve, Portugal (Orla Design, 2019)

DISCUSSÃO DE RESULTADOS

No estudo de caso do Barlavento Algarvio, sul de Portugal, o mais significativo é o número de metas em estado de emergência. Este fator sugere que no Algarve, sendo um contexto socialmente mais privilegiado do que as outras regiões, as pessoas que participaram da entrevista têm uma maior consciência dos impactos a nível global.

O ODS mais prioritário é o número 13, o que faz sentido, pois é uma região muito seca e costeira no sul da Europa que tem as necessidades básicas colmatadas, abrindo assim a possibilidade de uma maior sensibilização para questões globais. É preciso levar em consideração que todos os alvos deste ODS estão, em média, em estado de emergência.

O segundo ODS mais prioritário é o número 14, que embora tenha apenas uma das metas mais urgentes a nível geral, possui 7 em 10 metas em estado de emergência. Esta é uma região que ainda vive muito da pesca e que tem um importante impacto de turismo. Isso pode explicar superficialmente essa tendência.

Por último está o ODS número 6, onde as metas de proteção do ecossistema e melhoria da eficiência são as de maior prioridade, percebendo-se claramente que as necessidades básicas ao nível de infraestruturas estão em condições satisfatórias.

Relativamente aos serviços ecossistémicos, estamos aparentemente a lidar com um estudo de caso onde os critérios de abastecimento estão em muito boas condições, bem como em alguns dos ecossistemas reguladores ou mesmo culturais. Os ecossistemas de apoio e regulamentação que afetam a resiliência da biosfera poderiam estar mais degradados. De acordo com Max Neef, podemos assumir que os fatores de satisfação mais básicos são abordados, mas que o acesso ao desenvolvimento humano está limitando a capacidade de responder a outras necessidades mais complexas, como a liberdade, a identidade ou a criatividade.

AÇÕES NECESSÁRIAS



- Utilização de águas residuais para campos de golfe e agricultura
- Quintas agrícolas não conseguem avançar por falta de recursos públicos - + recursos públicos
- Aumentar a eficiência da rede pública de água
- Criar uma economia circular da água
- Maior sensibilização sobre o uso da água
- Promover uma cultura agrícola intensiva e diversificada
- Aumentar a sensibilização sobre o impacto de produtos químicos nos aquíferos
- Promover o empoderamento e sustentabilidade da comunidade
- Impostos sobre a gestão agrícola com impacto negativo
- Impostos sobre o uso excessivo de água
- Uso de plantas adaptadas a climas áridos
- Incentivar melhores práticas agrícolas e de uso de água
- Incentivar a captação de água da chuva
- Descentralizar a distribuição de água
- Educação básica sobre questões relacionadas com a água
- Promover técnicas de permacultura
- Aumentar a captação de água em áreas urbanas
- Aumentar micro-barragens sustentáveis em todo o lado
- Questionar a qualidade da água potável da rede pública
- Promover a auto-suficiência hídrica
- Aumentar o nível de conhecimento e cultura sobre gestão de água
- Conservar ecossistemas de áreas húmidas e pantanosas



- Implementar políticas europeias para as alterações climáticas
- Educação sobre uso de recursos
- Enfatizar a interação com a natureza
- Promover diálogo intergeracional
- Aumentar a auto-suficiência energética
- Abolir monocultura de eucalipto
- Aumentar conhecimento, prevenção e transparência sobre alterações climáticas
- Gestão participativa para adaptação às alterações climáticas
- Mudanças no sistema educativo
- Necessidade de mais recursos para gerar alternativas
- Criação de um sistema de mobilidade alternativo
- Gestão que promova florestas resilientes
- Eficiência na habitação
- Disponibilizar todo o conhecimento para a população
- Promover a criação de microclimas
- Bons observatórios abertos ao público
- Sequestrar CO2 no solo



- Cidades mais limpas
- Proteção e conservação dos ecossistemas marinhos
- Regulamentação da pesca intensiva - estações de fecho
- Proibição de construção em áreas costeiras
- Evitar a perda de identidade da comunidade
- Proibição de plásticos nas atividades de pesca
- Eliminar concessões de petróleo
- Políticas de apoio à pesca sustentável de pequena escala
- Regular o uso de plásticos
- Redução da poluição marinha - barcos
- Descentralizar a gestão, torná-la mais participativa
- Proibir herbicidas e biocidas
- Chega de pesquisa, é hora de agir!
- Regeneração de ecossistemas dunares
- Ligar a comunidade científica aos órgãos de governança
- Gestão dos ecossistemas marinhos mais participativa
- Certificação gratuita para pesca sustentável
- Alterar hábitos dos consumidores
- Compra direta aos pescadores
- Programas de reciclagem do lixo marinho



- Promover técnicas agrícolas verdadeiramente sustentáveis
- Proteger e incentivar o uso de espécies nativas
- Proteger a biodiversidade, implementar os Direitos da Natureza
- Regular o acesso a parques naturais
- Implementar técnicas regenerativas
- Distribuição de terras por mais agricultores
- Eliminar plantações de eucalipto
- Melhor gestão do turismo para equilibrar o seu impacto
- Apoio municipal a produtores agroecológicos
- Regular drasticamente a importação de espécies exóticas
- Abolir subsídios a monoculturas
- Responsabilizar monoculturas pelas externalidades
- Restringir campos de golfe

- Proteger áreas húmidas e pântanos
- Promover a economia local
- Implementar políticas públicas
- Recursos para gestão florestal participativa
- Maior participação em políticas públicas
- Impedir o uso de estufas (para produção química e massiva em parque natural)
- Regenerar ecossistemas para espécies em perigo
- Aumentar financiamento para conservação
- Erradicar práticas agrícolas sem culturas de cobertura de solo
- Erradicar a lavoura de terras agrícola

ACÇÕES REALIZADAS



- Estudos para prevenir secas
- Solidariedade entre países ricos e pobres
- Sistemas de tratamento de águas residuais
- Regulamentação para proteção
- Estudos para melhorar a irrigação em áreas agrícolas
- Monitorização dos recursos hídricos
- Controle de qualidade da água
- Alguns sistemas de tratamento de água de esgoto com plantas
- Redução do impacto de nitratos nos aquíferos
- Proteger ecossistemas de zonas húmidas protegidas
- Campanhas de sensibilização nas escolas
- Implementação de técnicas eficientes de uso da água



- Planos locais para adaptação às alterações climáticas
- Alguns espaços para debate foram abertos
- Proteção de áreas sujeitas a inundações
- Alguns debates e estudos (embora vagos)
- Plataformas cívicas para intercooperação
- Partilha de transportes (carro)
- e-bikes
- Aumento de alternativas ao uso de plásticos
- Maior eficiência na iluminação
- Mais mercados de rua
- Estudos científicos
- Monitorização dos solos
- Alguns casos de agricultura regenerativa
- Consumo local
- Redução da pegada ecológica familiar
- Turismo sustentável
- Zonas restritas ao glifosato



- Impôr limites na pesca da sardinha
- Maior consciência ambiental
- Afastar os barcos da costa
- Regulamentos existentes que precisam de monitorização
- Parque Natural da Costa Vicentina
- Activismo para parar “fracking” na nossa costa
- Efectuaram testes de toxicidade da água (iniciativa privada)
- Informações para barcos de turismo
- Ações civis e grupos locais
- Estado dos parques naturais
- Redução da pesca industrial
- Redução de óleo mecânico nas praias
- Campanhas contra plásticos no mar
- Compra a pescadores locais
- Associações de surf para ajudar na conservação



- Iniciativas privadas em vez de públicas
- Gestão de parques naturais
- Plano de gestão florestal municipal
- Iniciativas de reflorestação nas escolas
- Guardiões de terras para reflorestação
- Áreas protegidas de caça
- Diálogo sobre espécies exóticas invasoras
- Algumas intervenções na troca de eucalipto por carvalhos
- Iniciativas cidadãs contra monoculturas
- Iniciativas cidadãs para prevenir espécies exóticas invasoras
- Maior sensibilização individual
- Projetos para promover o consumo local criados por cidadãos
- Projetos de reflorestação criados por cidadãos
- Atividades com escolas para erradicar espécies exóticas invasoras
- Ilhas e corredores naturais
- Apicultura orgânica
- Ações em propriedades privadas
- Tendências neo-rurais
- Pequenos projetos em cooperação mútua
- Um crescente movimento agroecológico
- Maior apoio aos mercados locais
- Campos de restauração de ecossistemas
- Aceitação de vida selvagem de grande porte

6.2 CONCLUSÕES COLETIVAS

6	13	14	15
ÁGUA LIMPA E SANEAMENTO	AÇÃO CLIMÁTICA	PROTEGER A VIDA MARINHA	PROTEGER A VIDA TERRESTRE
6.1 Água potável segura e acessível	1 13.1 Fortalecer a resiliência e capacidade de adaptação a desastres relacionados com o clima	2 14.1 Reduzir poluição marinha	15.1 Conservar e restaurar ecossistemas terrestres e de água doce
6.2 Acabar com defecação aberta e providenciar acesso a saneamento e higiene	3 13.2 Integrar medidas de alterações climáticas em políticas e planeamento	4 14.2 Proteger e restaurar ecossistemas	15.2 Acabar com a desflorestação e restaurar florestas degradadas
6.3 Melhorar qualidade da água, tratamento e reutilização segura de águas residuais	13.3 Aumentar conhecimento e capacitação para enfrentar as alterações climáticas	14.3 Reduzir a acidificação oceânica	15.3 Acabar com a desertificação e restaurar terras degradadas
6.4 Aumentar o uso eficiente da água e assegurar abastecimento de água doce	6 13.A Implementar o quadro da convenção da ONU em alterações climáticas	14.4 Promover turismo sustentável	15.4 Assegurar conservação dos ecossistemas de montanha
6.5 Implementar gestão integrada de recursos hídricos	7 13.B Promover mecanismos que aumentem a capacidade de planeamento e gestão	14.5 Conservar áreas costeiras e marinhas	5 15.5 Proteger a biodiversidade e habitats naturais
6.6 Proteger e restaurar ecossistemas relacionados com a água		14.6 Acabar com subsídios que contribuam para a sobrepesca	15.6 Promover o acesso a recursos genéticos e partilha justa dos benefícios
6.A Exoandir apoio a água e saneamento para países em desenvolvimento		14.7 Aumentar benefícios económicos sobre o uso sustentável de recursos marinhos	15.7 Eliminar caça furtiva e tráfico de espécies protegidas
10 6.B Apoiar envolvimento local na gestão de água e saneamento		14.A Aumentar conhecimento científico, investigação e tecnologia para a saúde dos oceanos.	8 15.8 Prevenir espécies invasoras em ecossistemas terrestres e aquáticos
		14.B. Apoiar pesca de pequena escala	15.9 Integrar ecossistemas e biodiversidade no planeamento governamental
		14.C. Implementar e reforçar a Lei Internacional do Mar	9 15.A Aumentar financiamento para a conservação e uso sustentável dos ecossistemas e biodiversidade
			15.B Financiar e incentivar a gestão sustentável das florestas
			15.C Combater a caça furtiva e tráfico global

Tabela 2: Priorização dos ODS nos quatro estudos de caso (Resilience Earth, 2019)

TOTAL RESULTS																																				
	6.1	6.2	6.3	6.4	6.5	6.6	6.a	6.b	13.1	13.2	13.3	13.a	13.b	14.1	14.2	14.3	14.4	14.5	14.6	14.7	14.a	14.b	14.c	15.1	15.2	15.3	15.4	15.5	15.6	15.7	15.8	15.9	15.a	15.b	15.c	
Total	22,5	28	47,5	53	54,5	55	48	55	67,5	62,5	53,5	57	57	67	59,5	55,5	47,5	45	43,5	45	41	51	51	54	53,5	47	39	60	43,5	24,5	52,5	55,5	56,5	52,5	31,5	
AVG (when placed)	0,49	0,61	1,03	1,15	1,18	1,20	1,04	1,20	1,47	1,36	1,16	1,24	1,24	1,46	1,29	1,21	1,03	0,98	0,95	0,98	0,89	1,11	1,11	1,17	1,16	1,02	0,85	1,30	0,95	0,53	1,19	1,21	1,23	1,14	0,68	
Count of:																																				
Not placed																																				
Balanced	30	26	12	9	10	9	8	10	3	6	8	3	4	4	2	3	8	6	6	2	5	7	7	7	12	14	17	8	12	24	7	6	5	10	16	
Unbalanced	14	10	23	23	17	20	17	17	19	15	20	9	15	13	17	12	13	16	11	19	25	10	8	22	15	11	21	18	16	12	21	18	22	17	5	
Danger	5	9	13	17	20	20	17	20	25	25	17	24	21	28	22	22	18	15	17	13	9	22	22	16	20	18	11	23	14	8	16	19	18	19	14	

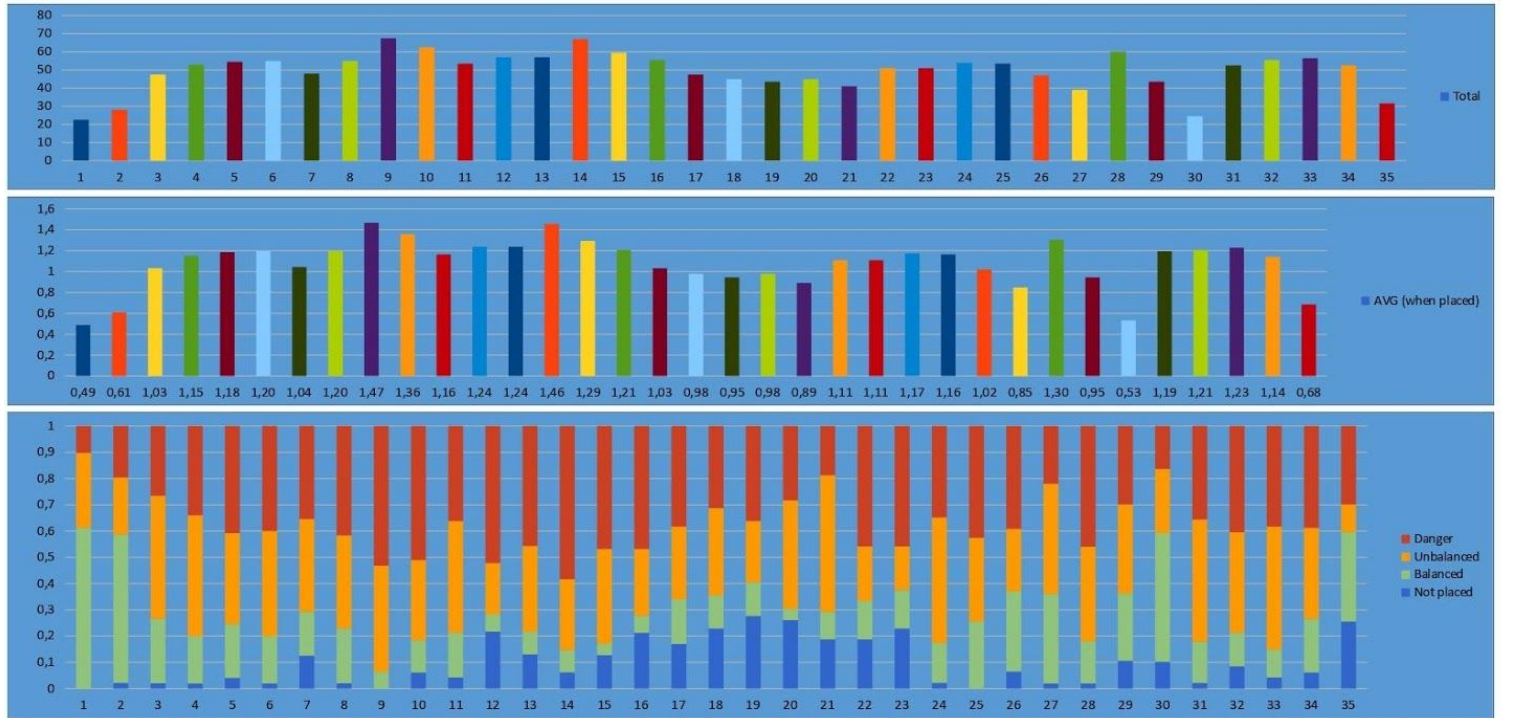


Imagem 23: Gráficos dos resultados do processo PAR nos quatro estudos de caso (Resilience Earth, 2019)

DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Ao analisar os resultados coletivos é de realçar que o indicador que se destaca mais é precisamente o ODS 13, aquele com implicações globais e, portanto, aquele com maior tendência a gerar consenso.

Também merece destaque o facto de que apenas 10 das 35 metas estão em estado de equilíbrio, revelando uma situação de desequilíbrio a nível sistémico nas comunidades rurais que fazem parte deste estudo.

Em relação às acções realizadas e acções necessárias, existem certos padrões que se repetem nos quatro casos de estudo:

- Os entrevistados não sentem que têm capacidade para lidar com os desafios;
- Os entrevistados não confiam na administração pública, embora em vários casos sejam eles próprios funcionários do governo;
- Os entrevistados consideram que esses desequilíbrios são uma consequência direta do processo de globalização e o impacto de corporações e empresas ao nível local;
- Os entrevistados acreditam na capacidade de responder por meio da auto-gestão cidadã;
- Os entrevistados não possuem ferramentas suficientes para gerar movimentos cidadãos auto-organizados;
- Os entrevistados estão muito preocupados com o futuro dos seus territórios e é difícil para eles mostrar otimismo, embora em geral ainda tenham esperança.

Com base nestes resultados e padrões observados, todos os parceiros deste projeto poderão apoiar e acompanhar a consolidação da estrutura e ferramenta metodológica “*WeLand*”. Seremos também capazes de catalisar e apoiar processos regenerativos em territórios rurais da Europa marginal. Há que lembrar que as comunidades periféricas da Europa também são onde há mais liberdade para a co-criação e, portanto, mais potencial na taxa de adaptação e na capacidade de aumentar a capacidade de liderar a mudança, tornando as quatro regiões de estudo de caso boas candidatas a um movimento pioneiro rumo ao desenvolvimento regenerativo.



Imagem 24: Resumo dos resultados coletivos na priorização dos ODS, de acordo com a localização dos estudos de caso (Resilience.Earth, 2019)

7. Recomendações e Implicações

O debate sobre os resultados do PAR ocorrerá na reunião transnacional a ser realizada em Budapeste em finais de Setembro de 2019. Com todos os parceiros presentes poderemos analisar as subtilezas do processo e as suas conclusões. De qualquer forma, como preliminar ao debate, o que os resultados revelam é uma questão claramente relacionada às externalidades da violência estrutural exercida sobre os sistemas territoriais.

As comunidades rurais têm vindo a passar por um processo de globalização que lhes retira a responsabilidade pelos seus territórios. Estão numa situação em que as consequências do processo de globalização são exercidas através de grandes empresas que não fazem parte do território e não partilham da sua identidade nem sentimento de pertença.

Estas empresas roubam a comunidade através das externalidades que recaem nos custos sociais e ambientais das suas actividades. As actividades que realizam são pensadas, projetadas e implementadas exclusivamente sob a perspectiva do benefício económico da empresa e, portanto, geram externalidades negativas a nível salarial da população local, das suas condições de trabalho, empoderamento dos trabalhadores, produção de resíduos, diminuição do comércio local, impacto nos rios, introdução de novas espécies invasoras no ecossistema, poluição dos mares, destruição de empregos produtivos como a pesca e a agricultura artesanal, contaminação dos aquíferos com nitratos residuais, urbanização de áreas naturais e muito mais.

Essas externalidades não são cobertas pelo setor privado e, em muitos casos, não são cobertas de todo. A administração pública prioriza apenas a gestão desses impactos quando causam uma situação de crise e fazem-no de maneira reativa, realizando ações específicas que não perduram no tempo.

Nos poucos casos em que o governo decidiu realizar uma mudança estrutural através da formulação de políticas públicas, parece que se deve a algum tipo de organização popular que teve a capacidade de gerar pressão suficiente de forma a afetar a esfera política ou devido à pressão interna de técnicos municipais que consideram a situação territorial sob uma perspectiva menos política e, portanto, mais transversal e objetiva.

Isso deixa as comunidades nas mãos de uma incerteza global e dos movimentos da macroeconomia, reduzindo assim a sua resiliência e capacidade de resposta. Ao mesmo tempo, as estruturas implementadas pela administração pública são geralmente muito rígidas, opacas e pouco participativas, como por exemplo parques naturais e outras formas de conservação da natureza. Dessa forma, os membros da comunidade não podem participar na gestão do seu próprio território, o que tem uma implicação direta na teoria X e na teoria Y de Douglas McGregor, apresentada na seção de enquadramento teórico. Quando a administração pública não confia na capacidade de resposta da comunidade nem na sua capacidade de auto-gestão, considerando-as irresponsáveis, isso gera uma resposta consequente dessas premissas por parte da população.

Por outro lado, o governo confia e acredita na responsabilidade do setor privado e na sua capacidade de gerir as necessidades humanas do território, mesmo que não participe diretamente na comunidade e que provoque muitas externalidades negativas pelas quais não se responsabiliza. Apenas algumas partes do setor privado assumem a responsabilidade por essas externalidades, mas fazem-no da perspectiva da Responsabilidade Social Corporativa, o que implica que a comunidade deve estar grata pela sua generosidade. Este processo empodera o setor privado em vez da comunidade, sendo que essa perspectiva encoraja mais uma vez uma abordagem baseada na ajuda.

Como consequência, as comunidades precisam agora de lidar com as externalidades do capitalismo industrial a nível global, expressas em consequências sistémicas, como as alterações climáticas ou a crise de migração, para as quais não têm estruturas ou recursos com os quais possam responder de maneira alguma, gerando sentimentos de frustração, indignação e impotência.

As externalidades relacionadas com os serviços ecossistémicos geram impactos que afetam a comunidade e o território de forma profunda, íntima e estrutural, diminuindo o seu sentimento de identidade, de pertença e de capacidade empática da população relativamente ao território, reduzindo a complexidade do ecossistema e, portanto, a sua resiliência.

Em suma, se considerarmos as externalidades num enquadramento de estruturas públicas rígidas e baseadas na ajuda, especialmente em relação aos **fatores de satisfação** humanos de Max Neef, e se aplicarmos o modelo de violência estrutural de Johan Galtung, podemos ver que:

1. As comunidades que experienciaram maior violência estrutural têm menos capacidade para assumir a responsabilidade pelos seus territórios e tendem a concentrar-se nas necessidades básicas.
2. As comunidades que têm o privilégio de se puderem concentrar no bem-estar dos seus territórios porque as suas necessidades básicas estão relativamente bem cobertas, tendem a: (a) estar desejosas para aprender sobre autogestão e a sua aplicação a nível local; (b) não confiar na administração pública; e (c) consideram que muitos dos objetivos dos ODS a nível local estão desequilibrados ou em estado de emergência.

Assim, podemos concluir que a capacidade de resposta de uma comunidade é diretamente afetada pela intensidade de violência estrutural que esta sofre. A sensibilização relativa aos impactos da crise global a nível local é condicionada por questões como a perda de identidade e de recursos, o que consequentemente afecta a capacidade regenerativa e resiliência territorial de qualquer comunidade.

Referências

1. Galtung, J. and P. Scott (2008). *Democracy – Peace – Development*. Germany: Transcend University Press.
2. Gannon, D. And A. Boguszak. (2013). *Douglas McGregor's Theory X and Theory Y*. In: Journal of Prague College, Vol 2013: 2.
3. Gilchrist, A. (2009). *The well-connected community: A networking approach to community development*. Bristol: The Policy Press.
4. Lederach, J.P. (2005). *The Moral Imagination: The Art and Soul of Building Peace*. Oxford, UK: Oxford University Press.
5. Longboat, J. (2003). *The Haudenosaunee Medicine Wheel*. Ohsweken, Mohawk Land: Six Nations Institute.
6. Max-Neef, M. (2008). *La dimensión perdida: la inmensidad de la medida humana*. Uruguay: Editorial Nordan
7. Meadows, D. (2009). Leverage Points: Places to Intervene in a System. *Solutions*. Retrieved from: <http://www.thesolutionsjournal.com/node/419> pp41-49.
8. Panikkar, R. (2003). *El diálogo indispensable: Paz entre las religiones*. Barcelona, Spain: Editorial Península.
9. Naranjo, C. (2017). *27 personajes en busca del ser. Experiencias de transformación a la luz del eneagrama* Barcelona: Psicología la Llave
10. Reeler, D. (2007). *A Three-Fold Theory of Social Change and Implications for Planning, Monitoring and Evaluation*. Capetown, South Africa: Centre for Developmental Practice.
11. Regeneration Group. (2016). *Regenerative Development and Design: A Framework for Evolving Sustainability*. New Jersey, USA: Wiley Publishers.
12. Rockström, J and P. Sukhdev. (2016). *How food connects all the SDGs*. Stockholm, Sweden: Stockholm Resilience Centre.
13. Senge, P. (2014). *The Fifth Discipline Fieldbook: Strategies and Tools for Building a Learning Organisation*. New York, USA: Crow Publishing Group.